

Velhice: Perda ou Libertação?

O idoso geralmente é visto pelos membros mais jovens da família através de preconceitos culturais em relação à terceira fase da vida. Ou ele é super-protetido, ou idealizado como se devesse ser um templo imutável de sabedoria e paciência. Sendo assim marginalizado, desconsiderado em suas reais necessidades de crescimento e participação, o idoso começa a reagir como um eterno ranzinza, amargo e implicante. No fim, todos os membros da família se sentem vítimas uns dos outros.

O processo de envelhecimento se complica enormemente no contexto da família, em parte por causa da tendência a nela se determinarem papéis fixos. Em vez de pessoas que lutam, sofrem, desejam e mudam, encaram-se mutuamente como figuras bi-dimensionais definidas por seu lugar na estrutura familiar.

Em plena fase adulta, o ser humano assume a sua maior carga de trabalhos. Cria uma família, acumula bens, e estabelece sua posição social, econômica e profissional. São tarefas que cumpre, ou deixa de cumprir, justamente nesta época. O tempo de adulto é da autonomia e da autoridade, mas também, em muitos momentos, o de lembrar com saudade e idealização o seu passado adolescente de grandiosas ambições.

Em momentos de desânimo, mal-diz o peso excessivo que carrega e pensa que, se o pudesse, refaria tudo diferente. No entanto, do mesmo modo pouco razoável, aprende a ver com horror a eventualidade de qualquer forma de decadência, inclusive a da velhice, que, embora num certo sentido não "despreocupada" como a adolescência, é para ele o caminho para a improdutividade e a morte.

Esse medo ao fim e à sua aproximação, colore sua relação com idosos que sob outros aspectos lhe são caros, ao ponto de às vezes deles mal suportar uma presença, que para ele se associa a perdas — destas mesmas pessoas queridas ou de sua própria vitalidade atual.

Na terceira fase da vida, a pessoa deverá atender a novas necessidades orgânicas, psíquicas e sociais. Ele enfrentará perdas graduais, mas é



útil lembrar que se trata de perdas em relação à vida adulta e não o necessariamente, em termos de condição humana como um todo. Os desligamentos comuns nesta fase podem ser conceituados como o elo que completa o ciclo de energia vital, numa volta equilibrada ao não-ser.

Nesta terceira fase da vida, as

tarefas de desenvolvimento parecem exigir que, aos poucos, a pessoa se afaste do seu círculo afetivo restrito e de seu trabalho meramente utilitário, numa liberação que parece necessária para poder se vivenciar mais plenamente o momento presente e tomar contato maior com o infinito do Eu e do Cosmos. Assim entendidas, as chamadas perdas são talvez o instrumento que permite à

pessoa encaminhar-se para novas formas de vida e evoluir em seu processo de realização. Este significado possível de envelhecimento está sendo comprovado em nossos dias por um número crescente de pessoas que descobrem em sua própria maturação novas fontes de enriquecimento pessoal e participação social.

Uma mesma situação é encarada e vivida de modos que são peculiares a cada pessoa, conforme a sua predisposição, a sua filosofia de vida e as experiências que teve em seu histórico. Verifica-se que o idoso se ressentido, em graus variados, dos papéis e imagens que nossa civilização lhe reserva e expressa. À sua maneira, com justo desconforto, ele pode manifestar a sua revolta através de uma constante irritação frente a tudo que o cerca, de respostas agressivas aos mais jovens, ou de uma apatia emburrada frente à propostas que o subestimam.

Para muitos que estão envelhecendo, a imagem de sua própria velhice fica tão arraigada que os leva a uma rejeição profunda dos outros e da vida, e os mergulha no isolamento, na depressão e na recusa. Outros se empenham numa luta triste em que se fazem surdos a suas vivências autênticas, para participar dos ruídos frenéticos da juventude. Se esses modos de reação são pouco construtivos, decerto têm coerência para aquele que se vê arbitrariamente destituído de direitos e valores por parte da sociedade em que vive.

Para o jovem, o Velho deveria representar o conformismo, a sabedoria, o gozo da bem-aventurança, do ócio, a realização do desejo de independência, o direito à irresponsabilidade, da desobrigação das tarefas — que ele prega como vantagens da velhice mas não deseja para si... Como na maioria dos casos, as pessoas que ao envelhecerem correspondem a este modelo esperado não se mostram permanentemente gratas e felizes, vem a queixa acusatória de que as pessoas mais velhas não pensam, sentem e agem como deveriam.

Quando essas atitudes impregnadas em nossa cultura se concretizam, no ambiente da família, possivelmente virão acarretar um relacionamento deturpado, atrofias na plenitude pessoal, conflitos abertos ou atritos surdos mas intensos. Cada um defenderá e contra-atacará a seu modo quando receber agressões, que, por mais inconscientes, não deixam de atingi-lo

em sua integridade. Isto significa que, quanto mais a pessoa idosa se percebe marginalizada, mais se recolhe no isolamento ou mais coloca exigências absurdas. Correspondentemente, na medida em que é sufocado por acusações e expectativas que lhe parecem sem fim nem razão, o mais jovem tende a se proteger ou a se vingar através do afastamento, da super-proteção ou da solicitação excessiva.

O velho carrega o medo de ser esquecido ou tornar-se um peso indesejado, e o jovem por sua vez leva consigo a angústia de se mostrar fraco ou insensível, e todos se sentem vítimas da situação.

As pessoas tendem a reagir a certas ameaças, tais como as de serem rejeitadas ou criticadas, mesmo quando são imaginárias ou exageradas, buscando meios de se defender. Se pudermos reassurá-las, pelo nosso modo de tratá-las, a eficiência será certamente maior do que a de confirmarmos as suas incertezas com novos ataques.

O tipo de ajustamento para cada família é determinado pelo grau de realização e bem-estar da pessoa em sua terceira fase; pelo nível de maturidade e auto-aceitação dos outros adultos e jovens; pela natureza e pelo estilo de vinculação familiar construída até então, e, finalmente, pelas condições do momento, tanto situacionais como psicológicas.

Se dessemos mais ouvidos à voz do Velho, este poderia nos indicar como criar melhores condições dele e nós usufruirmos plenamente, e para proveito recíproco, a riqueza de sua existência. É inusitado, tanto em âmbito familiar como no sócio-político, admitir-se que também o idoso é capaz, como indivíduo, de definir suas metas, seus limites e seus valores melhor do que qualquer estudo ou cientista.

Finalmente, o que passam a ser o amor, a visão do mundo, o corpo, o sentido da vida, a aprendizagem significativa, o desejo, o crescimento e a espiritualidade à medida que os anos nos marcam e formam? Infelizmente, nem a família nem a sociedade, têm-se preocupado em sabê-lo.

A Velhice

Em casa, ele perambula quase sempre resmungando e discutindo com os netos, quando não está prostrado em frente à televisão. Nos asilos, vivem num silêncio de morte, cultivando sua solidão coletiva. Rejeitados em qualquer emprego, marginalizado de todas as funções, a nova estrutura da célula familiar condenou o velho a um definitivo exílio. A sociedade moderna destituiu-o do sentido dentro de sua comunidade; esse é o trágico quadro do velho, cada vez mais moço, no século XX.

A velhice, palavra antigamente ligada instantaneamente à doçura, carinho, lembranças, respeito e experiência de vida, é hoje sinônimo de marginalidade, degeneração, palavra feia e maldita que deve ser a todo custo, evitada. As sociedades reagem aos seus problemas das formas mais fáceis e eficientes. Na Islândia, antigamente, a matança dos velhos era lei.

O tempo passou, e até que o consumo e a necessidade de produtividade cada vez maior mecanizassem os grandes centros urbanos, o respeito aos patriarcas era a base moral da estrutura familiar. Fontes de experiência e sabedoria, era sua função governar a casa e manter a integridade da família até a morte, quando eram automaticamente substituídos pelo membro mais velho do núcleo familiar.

Nesse tempo, uma vida saudável, o ar puro, a alimentação sadia, garantiam sanidade e força a quase todos que atingiam idades avançadas. Com a evolução e o progresso, a função do velho passou de força ativa e produtiva a importante elemento de equilíbrio emocional da família, como a vovó e o vovô, contadores de histórias e apaziguadores das brigas domésticas. Também esta função foram perdendo nos pequenos apartamentos, onde a televisão é o centro das atenções.

E hoje, nas nossas sociedades urbanas, o quadro que se oferece aos idosos é exatamente triste e desumano. Tido como peso morto, ele é abandonado e destituído de qualquer função, e como nossos escrúpulos morais não permitem assassinatos como nos povos antigos, são criadas alternativas tanto as mais trágicas, como o simples abandono a própria sorte, que normalmente é perambular pelas ruas e, aos mais afortunados, é confiná-los em lares de idosos, que por melhores condições que oferecem vão muito pouco além da inércia e da solidão coletiva, num cenário deprimente a espera do inevitável.

O maior responsável pelos maus tratos à velhice é o Estado. A vida moderna não permite quase sempre, que a família e os filhos concedam ao idoso os cuidados de que necessita. Um idoso que já não controla sua urina, passa o dia falando bobagem, funciona na maioria dos

casos, como desagregação do lar, por reações negativas nos genros, noras e netos, que normalmente criam situações humilhantes aos próprios velhos.

Os idosos são condenados à inércia, já que dentro da mesma filosofia do Estado, as Empresas bloqueiam os empregos para as pessoas acima de quarenta anos, e estes, mesmo cercados de uma certa atenção familiar, padece de falta de atividade e consequentemente da ausência do círculo social. Dentro de casa, se não incomoda é incomodado, pela sua própria situação.

Hoje, a tradição oral, o diálogo familiar, as histórias dos avós que encantavam as crianças sumiram, as emoções e a fantasia chegam apenas por meio da televisão, de uma forma empobrecida. Assim, a responsabilidade é do Estado, o que poderá o Estado fazer, se ele é cabeça de uma sociedade que despreza cada vez



mais a velhice, onde todos os apelos publicitários de consumo revelam a juventude, pois o velho não vende o produto? Onde o valor do homem é medido pela sua produtividade dentro do sistema? No máximo, dar-lhes asilo e assistência médica e no caso brasileiro, nem isso acontece.

Urge reencontrar o caminho do equilíbrio e relacionamento humanos; devemos demonstrar ao mundo que nós damos o valor que realmente merecem as tradições humanas, de não desamparar aqueles que também já foram moços e muito ainda tem para oferecer aos que estão chegando, pela sua experiência e vivência, seus conselhos precisam ser ouvidos novamente para que o caminho seja mais facilmente tril-

hado. BEM—AVENTURADOS os que mostram compreensão por meus pés tropeçantes e por minhas mãos já sem força. BEM—AVENTURADOS os que compreendem que meus ouvidos têm de se forçar para captar o que me falam. BEM AVENTURADOS os que parecem saber que meus olhos se tornaram fracos e meus pensamentos cansados. BEM—AVENTURADOS os que ficam junto de mim com um sorriso de amigo. BEM—AVENTURADOS os que nunca me dizem: "esta história o senhor já me contou duas vezes". BEM—AVENTURADOS os que fazem reviver em mim recordações do passado.

Ferdiano Alves de Oliveira (Praia Grande)

Entrega em outubro/89

Edifício Porto Fino

(Próximo ao Jardim Avelino)

Obras em ritmo acelerado
Rua Solidonio Leite, 1582

- 2 dormitórios
- 3 opcional
- sala
- cozinha
- dep. empregada
- área de serviço
- 1 garagem
- piscina
- play-ground
- salão de jogos

Pequena entrada
saldo financiado
pelo S.F.H.
em 15 anos

VENAS
ACÇÃO IMÓVEIS
Esse nome vende

Maiores informações
Fone: 296-5755
PLANTÃO NO LOCAL

Obras iniciadas

EDIFÍCIO TORDESILHAS

2 por andar
3 suites
1 suite master
3 amplas salas com
lareira e escritório
3 garagens

CONSTRUÇÃO E INCORPORAÇÃO HERNANDEZ

PLANEJAMENTO E VENDAS

ACÇÃO IMÓVEIS
Esse nome vende

217-1371 / 296-5755

PRONTO PARA MORAR

- * 4 dormitórios
- * 2 suites com closet
- * 70 m2 de sala
- * 50 m2 de copa-cozinha
- * granito natural
- * 4 ou 5 garagens

1 por andar
EDIFÍCIO POZELLI

Consulte seu corretor pelos fones:
217.9327 - 296.5755 - 295.3233 - 296.9788